

# Índios levam turistas aos mistérios da mata

Programa desenvolvido na Reserva do Rio Silveiras, entre São Sebastião e Bertioga, oferece "ao branco" a oportunidade de percorrer trilhas com integrantes de tribo tupi-guarani

JOSÉ RODRIGUES

**S**ÃO SEBASTIÃO — Percorrer quilômetros na mata acompanhado de quem mais a compreende, os índios tupi-guarani da Reserva do Rio Silveiras, entre São Sebastião e Bertioga. Esse é um dos mais novos roteiros de ecoturismo no Estado.

O cacique Papá Mirim Poty, conhecido por Carlos, está confiante no sucesso do projeto. "O ecoturismo está crescendo e vamos tentar me-

lhorar as condições de vida de nossa aldeia, além de mostrar que temos condições de ter autonomia para conseguir o progresso que desejamos."

Com a renda do turismo, os índios esperam também valorizar-se como

povo. "Queremos fugir do paternalismo; a comunidade tem condições de se manter sozinha."

O roteiro prevê caminhada de uma hora pela mata. Para os índios, cada planta tem uma propriedade específica. Algumas são alimento, outras têm função de remédio e há também as venenosas.

"Depois de um certo tempo no mato, tudo parece igual para nós, mas para os índios, não", diz o médico Celso Roberto de Andrade Zorowich, que trabalha na reserva.

Por isso, o guia indígena para de

repente perto de uma planta aparentemente insignificante e comenta: "Essa faz a dor parar." Sugere ao grupo que mastigue uma folha. Em minutos, a boca está anestesiada. O guia chama a atenção também para ruídos imperceptíveis para os ouvidos urbanizados. Um galho balança: "É um macaco", informa. Logo depois, surge o animal, curioso para ver o grupo na floresta.

Depois de uma caminhada de uma hora, cheia de pequenas surpresas, chega-se ao Rio Silveiras, de águas cristalinas, com piscinas naturais que convidam ao banho.

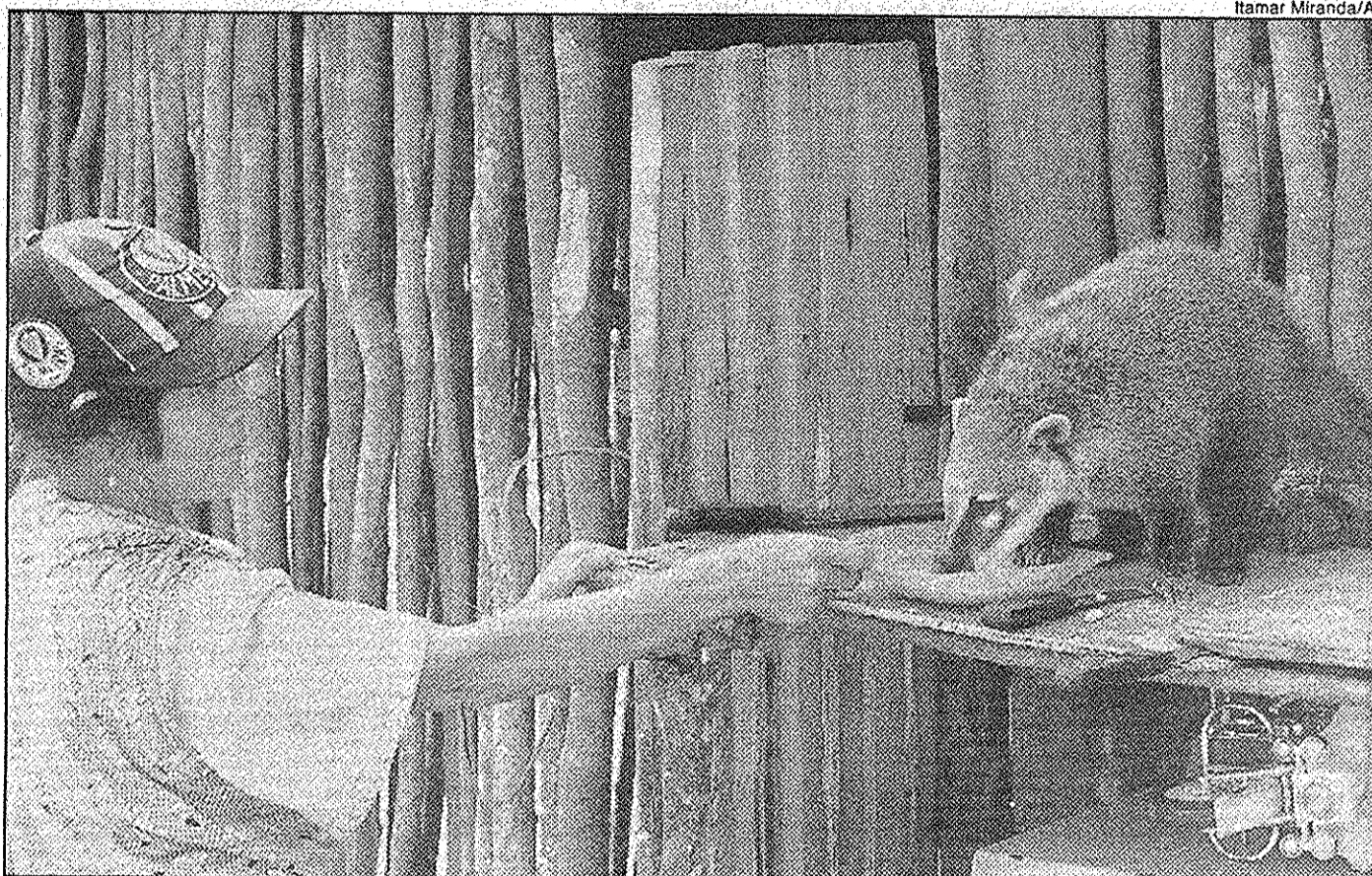
Um pouco à frente, chega-se à Cachoeira do Tamanduá-Mirim, com uma queda de água de 50 metros. "É uma imagem grandiosa, que faz a gen-

te se sentir pequeno", comenta o médico Celso Zorowich.

Além da mata, o passeio oferece a possibilidade de ver aves e outros animais, bem protegidos na floresta em que raros homens brancos entram. Os índios só caçam uma vez por mês. "Quando a comunidade sentiu que os animais estavam diminuindo, a decisão foi protegê-los", diz o cacique.

Os interessados no passeio devem entrar em contato com a Funai de Bertioga (☎ 013-317.1322). Cada pessoa paga R\$ 10,00.

**CACIQUE  
ESPERA  
MELHORAR A  
VIDA DA ALDEIA**



Itamar Miranda/AE

Índia alimenta quati na aldeia do Rio Silveiras: para o cacique Papá Mirim Poty, crescimento do ecoturismo pode melhorar condições de vida da tribo e mostrar ao homem branco que índios têm condições de construir seu modelo de progresso

## Visita começa com dados sobre cultura e natureza

Turistas são recebidos na Casa da Reza e recebem informações sobre o passeio

**S**ÃO SEBASTIÃO — O passeio pela Reserva do Rio Silveiras ainda é experimental. Os turistas são recebidos na Casa da Reza. Ali, os índios fazem palestra sobre sua cultura, falam da natureza e do passeio que terão pela frente e podem assistir a uma demonstração de dança tupi-guarani.

O cacique Papá Mirim Poty pretende divulgar a luta de seu povo e mostrar aos brancos o que a natureza pode dar a cada um. "Cada raiz, cada folha, é um remédio e, quem se interessar, poderá aprender muita coisa e passará a valorizar mais as coisas naturais", comentou o cacique Carlos. Outro ponto

destacado por ele é que os ecoturistas terão oportunidade de aprender a sobreviver na selva. "É uma aventura e uma aula de vida natural."

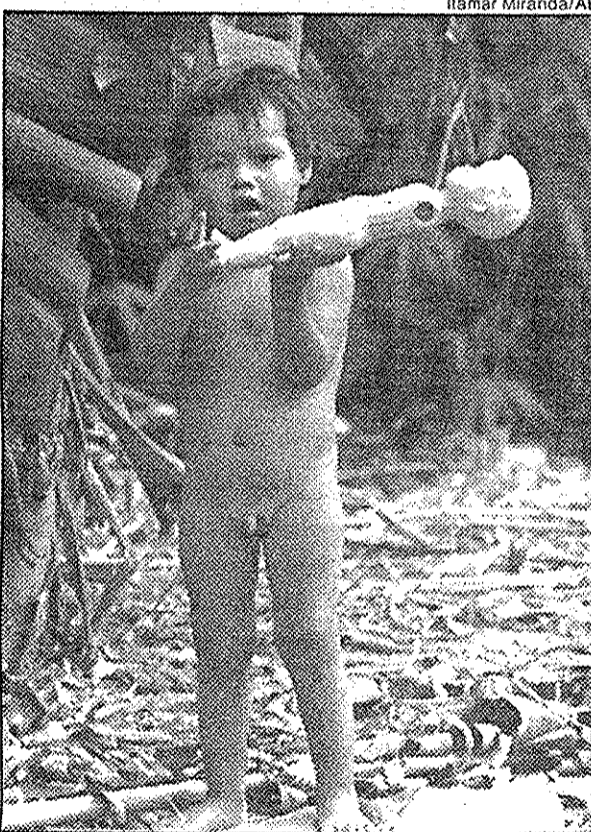
Se o roteiro de ecoturismo é uma esperança de dias melhores para a tribo, a comunidade trabalha para ter outras fontes de renda além da extração do palmito e da venda de produtos artesanais às margens da Rio-Santos. O cacique Carlos tem 26 anos, completou o 1º grau em Pa-

relheiros e, recentemente, esteve na França, a convite da Universidade de Brest. Sabe que precisa manter preservada a cultura de seu povo, ao mesmo tempo em que procura melhorar as condições de vida, por meio da produção econômica.

Ao lado das culturas típicas de subsistência, como milho e mandioca, os índios começam a plantar palmito das variedades açai e pupunha, que produzem mais rapidamente que o juçara, nativo na região, que demora 12 anos para ser colhido. Já há 800 pés plantados, que serão explorados comercialmente. Em vários alqueires, há lavouras de milho, mandioca e batata doce e a tribo conta com 50 mil pés de banana. Também as flores, especialmente a licônia, ou bico-de-papagaio, está sendo cultivada para venda.

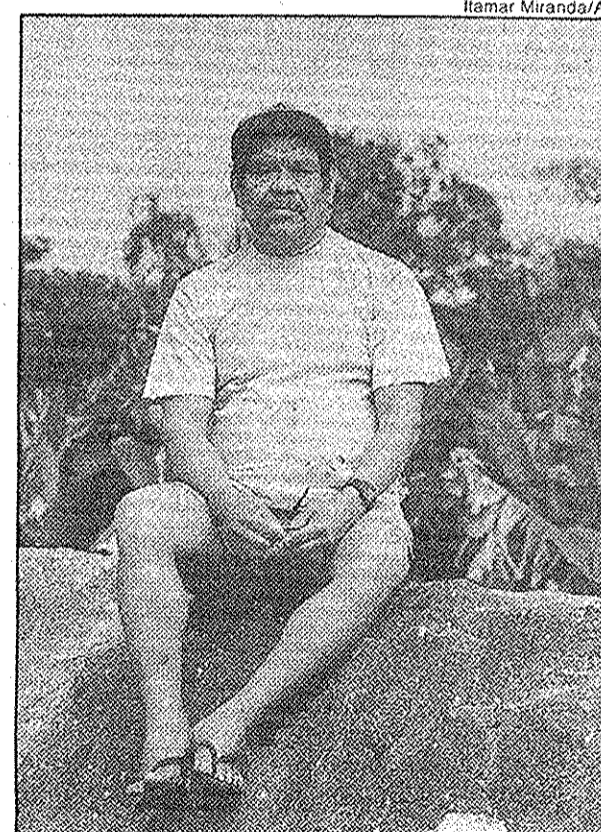
Segundo o técnico indigenista Márcio José Alvim do Nascimento, que chefa a Funai em Bertioga, uma organização não-governamental doará um viveiro de mudas para a reserva. "Esse plantio é importante para zerar a extração do palmito nativo." Os índios já contam também com dois tanques de peixes, com cerca de 500 unidades e mais três estão sendo construídos para abastecimento da aldeia. Há ainda um pomar com cerca de 500 pés de frutas diversas. (J.R.)

**POTY FOI À  
FRANÇA A  
CONVITE DE  
UNIVERSIDADE**



Itamar Miranda/AE

População infantil cresce: segurança e apoio



Itamar Miranda/AE

Pajé Didiokó: "O que aprendi acabei esquecendo"

## Pajé abandonou escola e aprendeu tudo na língua tupi

**S**ÃO SEBASTIÃO — Quem conhece a história e o sofrimento de seu povo é o pajé Didiokó, o pai espiritual da aldeia. Quando criança, seu pai o mandou para a escola aprender a língua dos brancos, mas ele não ficou muito tempo nos bancos escolares. "O que aprendi acabei esquecendo", diz ele, que hoje considera isso um benefício, pois a tradição cultural foi mantida praticamente intacta. "Tudo que meu pai passou para mim aprendi em tupi e tenho passado para os outros."

O tupi-guarani é o idioma usado na reserva, que procura manter suas tradições sem influências dos brancos. Didiokó é aquele que pode conversar com os profetas — os índios em espírito — e atende a todos com rezas e remédios preparados com ervas e folhas colhidas ali mesmo, na mata atlântica. Por isso, sua conversa é estranha: fala de vários fatos sem uma ordem cronológica, como se estivesse sempre em transe entre seu mundo e o de seus antepassados.

Didiokó, que viu seu povo sofrendo muito, a população sempre diminuindo por conta de doenças como sarampo e gripe, colabora com os médicos brancos que atuam na aldeia. As prefeituras de São Sebastião e Bertioga mantêm os serviços básicos para a população indígena, fornecendo alimentos, remédios e os profissionais que assistem os indígenas.

Há também voluntários que ajudam os índios em sua subsistência, fazendo campanhas principalmente para fornecer roupas e alimentos. O cacique Carlos tem uma visão clara de que "a comunidade não quer perder suas raízes e tradições" e, por isso, não reclama da falta de energia elétrica, que poderia levar a televisão ou outros aparelhos domésticos até a aldeia. Mas pensa que uma câmera e um videocassete seriam muito úteis no trabalho de tornar a aldeia conhecida. Ele sentiu esse problema recentemente, quando esteve na França, a convite de uma universidade. "Se houvesse um filme, seria bem mais fácil." (J.R.)

## Cerca e ponte separam civilizações

Posto médico, postes e tubulação são os únicos indícios da presença de estranhos

**S**ÃO SEBASTIÃO — Uma cerca e uma pequena ponte de madeira separam os índios da Reserva do Rio Silveiras da civilização. Logo na entrada, há o posto médico, única construção em alvenaria. Poucos metros adiante, começam a surgir as casas de taquara, cobertas de sapé. Uma maior chama a atenção: é a Casa da Reza, construída no final de 1995 para o batizado de 18 crianças, que está servindo para recepção dos visitantes.

Há algumas marcas de civilização, como os postes de luz e os tubos da Sabesp, mas os índios não contam com esses benefícios. As casas vão surgindo no meio do mato e há crianças, muitas crianças. Elas voltam da escola equilibrando o material escolar e as caixas de leite Longa Vida que recebem das prefeituras. E

se divertem com brinquedos improvisados, inspirados, de longe, nos que vêm nas vitrinas das lojas da cidade. As menores só falam em tupi-guarani. Só as maiores, que já estão na escola, conversam em português, quando precisam.

O técnico indigenista Márcio José Alvim do Nascimento, da Funai, conta que há dez anos havia 45 índios na aldeia. "De lá para cá, é impressionante o crescimento vegetativo, já que eles se sentem mais seguros para ter filhos."

Os trabalhos na área de saúde mostram resultados impressionantes, como índice de mortalidade infantil zero há cinco anos. Por conta disso, a população da aldeia é de 285 índios, sendo 95 crianças.

Com o fim do inverno, o médico Celso Roberto de Andrade Zorowich tem mais um motivo para comemorar: nenhuma criança foi internada. Ele assumiu o posto em 1995 e iniciou um programa para erradicar anemia e verminoses, com melhoria alimentar, remédios e vitaminas.

O resultado é comprovado por Nadir Paulino, enfermeira da Funai há nove anos na reserva. "Quando cheguei, eram 67 índios e o que vi não consigo esquecer, pois uma coisa é você saber que existe fome; outra é ver a fome." Ela não esconde a felicidade de ver as crianças crescendo sem problemas.

O cacique Carlos não vê choque tratamento dos médicos e do pajé da tribo. "Há três anos não morre um índio da tribo." Ele divide as doenças em dois grupos: "As espirituais, as do índio, o pajé cura, enquanto as outras, adquiridas na cidade, o médico trata com remédio dos brancos." (J.R.)

**TAXA DE  
MORTALIDADE  
INFANTIL  
É ZERO**